

Agatha Christie

A
TESTEMUNHA
OCULAR DO
CRIME

4.50 from Paddington (1957)



Lista de personagens

Elsbeth McGillicuddy – ela era o tipo da senhora sensata que sabia muito bem o que vira – e tinha visto um assassinato...

Jane Marple – uma trémula e doce octogenária, aficionada de licores caseiros, bules de chá e investigações furtivas...

Lucy Eyelesbarrow – empregada para todo o serviço com um diploma de Oxford, ela mimava jovens, velhos, cães e bêbados contumazes com a mesma eficiência...

Emma Crackenthorpe – quase uma velha solteirona, fingia acreditar que o pai, Luther, era mesmo o inválido que pretendia ser...

Luther Crackenthorpe – um velho sovina e rabugento que vivia contando seus soberanos de ouro e planejando sobreviver aos três filhos...

Alexander Eastley – o filho de Bryan achava os pudins de Yorkshire e as tortas de melaço sensacionais, mas o fenomenal seria encontrar uma pista...

Dr. Quimper – o clínico geral de maneiras cínicas e desinibidas que costumava aparecer mesmo quando não havia ninguém doente...

Cedric Crackenthorpe – um pintor boémio que vivia numa ilha do Mediterrâneo e que dizia não querer nada com as mulheres...

Harold Crackenthorpe – um correcto cidadão que parecia acreditar que o crime fosse um insulto deliberado à honra de sua família...

Alfred Crackenthorpe – embora não propriamente desonesto, ele era inteligente, tão inteligente, que às vezes se prejudicava...

Bryan Eastley – embora ex-piloto cheio de medalhas, comportava-se grande parte do tempo como um menino infeliz...

Inspetor – Detetive Dermot Craddock – ele tinha o hábito de revelar uma pequena parcela dos fatos como se fosse toda a verdade...

Capítulo 1

Na plataforma, Mrs. McGillicuddy seguia ofegante o carregador que levava a sua mala. O homem era alto e ágil e Mrs. McGillicuddy era baixa e gorducha, além de estar sobrecarregada com uma montanha de embrulhos,

resultado de um dia febril de compras de natal. A competição era portanto desigual e, quando o carregador chegou ao final da plataforma, Mrs. McGillicuddy ainda vinha longe.

Naquela hora, a plataforma 1 não estava apinhada, pois um comboio acabara de partir, mas, na terra de ninguém que a precedia, uma multidão esbaforida corria de um lado para o outro, distribuindo-se entre o subsolo, o depósito de bagagens, o quadro de avisos e os pontos de contacto com o mundo exterior: os portões de “Chegada” e “Partida”.

Mrs. McGillicuddy e seus embrulhos foram empurrados de um lado para outro, mas por fim ela conseguiu chegar à entrada da plataforma 3, colocou um pacote no chão, juntou os pés, e procurou na bolsa o bilhete que lhe permitiria passar pelo severo funcionário uniformizado que guardava o portão.

Nesse instante, uma voz áspera mas educada ressoou acima de sua cabeça:

– A composição da plataforma 3 sairá às dezasseis e cinquenta e quatro com destino a Brackhampton, Milchester, Waverton, Carvil Junction, Roxeter e demais estações até Chadmouth. Os passageiros que vão para Brackhampton e Milchester deverão tomar os últimos vagões; os passageiros com destino a Vanequay farão transbordo em Roxeter.

A voz calou-se com um estalido, mas logo recomeçou sua arenga, anunciando a chegada, na plataforma 9, do comboio das dezasseis horas e trinta e cinco minutos, que vinha de Birmingham e Wolverhampton.

Mrs. McGillicuddy encontrou seu bilhete e mostrou-o ao guarda, que o perfurou, murmurando:

– À sua direita, últimos vagões.

Ela seguiu pela plataforma até encontrar o seu carregador, que olhava para o vazio com uma expressão entediada, junto à porta de um vagão de terceira classe.

– É aqui, minha senhora – disse ele.

– Vou viajar na primeira classe – retrucou Mrs. McGillicuddy.

– A senhora não explicou – resmungou o carregador, olhando com pouco

caso para o seu casaco tweed sal e pimenta, de corte masculino. Mrs. McGillicuddy explicara, sim, mas resolveu não discutir. Estava sem fôlego e cansada.

O carregador voltou a pegar a mala e caminhou para o vagão seguinte, onde se acomodou a passageira em solitário esplendor. O comboio das dezasseis e cinquenta e quatro não era muito procurado, os passageiros da primeira classe preferiam o expresso matutino, bem mais rápido, ou o das dezoito e quarenta, que tinha vagão-restaurant. Mrs. McGillicuddy deu ao carregador uma gorjeta, que ele recebeu com ar desapontado, obviamente considerando-a mais adequada a viajantes da terceira classe. Mas, embora Mrs. McGillicuddy estivesse disposta a pagar pelo seu conforto depois de um dia exaustivo de compras, não era de seu hábito distribuir gorjetas extravagantes.

Com um suspiro, ela recostou-se nas luxuosas almofadas e abriu uma revista. Cinco minutos depois, os apitos soaram e a composição partiu. A revista escorregou-lhe das mãos, sua cabeça caiu para um lado e três minutos mais tarde ela adormeceu. Dormiu durante trinta e cinco minutos e acordou revigorada. Empertigou-se, ajeitou o chapéu, que escorregara para um lado, e concentrou-se na paisagem fugidia. Já estava escuro lá fora, aquele entardecer sombrio e húmido de Dezembro. Faltavam só cinco dias para o Natal. Londres estava escura e lúgubre, e o campo não parecia melhor, embora ocasionalmente as luzes das estações e cidadezinhas que iam ficando para trás alegrassem o cenário.

– Este é o último chá – anunciou um rapaz de serviço às cabines, abrindo a porta do corredor com a agilidade de um mágico, mas Mrs. McGillicuddy já tomara o seu chá num grande shopping center e ainda se sentia muito bem alimentada. O rapaz seguiu pelo corredor, repetindo o seu refrão monótono. Com uma expressão satisfeita, Mrs. McGillicuddy ergueu os olhos para o porta-bagagem, onde colocara seus embrulhos. As toalhas de rosto que Margaret cobiçava tinham sido uma pechincha, a pistola espacial de Robby e o coelho de Jean eram plenamente satisfatórios, e o seu abrigo de noite era justamente o que andara procurando, quente mas elegante. O pulover de Heitor... Recapitulou com aprovação as boas compras do dia.

Contente, Mrs. McGillicuddy voltou os olhos para a janela. Um comboio que ia em sentido contrário cruzou o seu com grande alarido, sobressaltando-a e fazendo estremecer as janelas. O vagão trepidou ao passar sobre um cruzamento e deixou para trás a estação.

Pouco depois, o comboio começou a diminuir a velocidade, provavelmente em obediência a algum sinal. Por alguns minutos, seguiu bem devagar, até parar completamente. Começara a acelerar outra vez, quando outra composição, que também ia para o sul, aproximou-se numa curva fechada, com efeito alarmante. Durante algum tempo, os dois comboios seguiram paralelos, ora um na dianteira, ora o outro. Da sua poltrona, Mrs. McGillicuddy via as janelas dos vagões paralelos. A maior parte dos estores estavam descidos, mas de vez em quando via-se os ocupantes das cabines. O outro comboio não estava muito cheio e levava vários vagões vazios.

Num dado momento em que as duas composições davam a ilusão de estar paradas, o estore de uma janela fronteira subiu num estalo. Mrs. McGillicuddy viu claramente o interior da cabine de primeira classe, que estava a menos de um metro dela.

Prendeu a respiração e soergueu-se, aturdida.

Um homem estava de pé, de costas para a janela e para ela, com as mãos em torno do pescoço de uma mulher, que o encarava. Lenta e implacavelmente ele a estrangulava. Os olhos da mulher haviam saltado das órbitas, seu rosto estava roxo e congestionado. Enquanto Mrs. McGillicuddy olhava, fascinada, o fim chegou. Inerte, o corpo da mulher escorregou das mãos do homem.

Nesse instante, o comboio de Mrs. McGillicuddy diminuiu a velocidade e o outro acelerou, adiantando-se, e em poucos segundos sumiu de vista.

Quase automaticamente, Mrs. McGillicuddy ergueu a mão para puxar a corda de emergência, mas conteve o ímpeto, indecisa. Afinal, de que adiantaria dar o alarme no comboio em que viajava? O horror daquela visão, tão próxima, e as circunstâncias incomuns paralisavam-na. Precisava fazer alguma coisa imediatamente... mas o quê?

A porta de seu compartimento abriu-se e um revisor pediu polidamente:

– Sua passagem, por favor.

Mrs. McGillicuddy virou-se para ele, veementemente:

– Uma mulher acaba de ser assassinada no comboio que passou por nós agora mesmo – ela disse. – Eu vi! O funcionário olhou-a com ar de dúvida.

– O que foi que a senhora disse?

– Vi uma mulher sendo estrangulada naquele comboio! Eu vi... pela janela! – Ela explicou, apontando para a vidraça.

– Estrangulada? – Ele repetiu, incrédulo.

– Sim, estrangulada! Eu vi, estou lhe dizendo que vi! O senhor precisa fazer alguma coisa. O fiscal tossiu à guisa de desculpas.

– Será que a senhora por acaso não adormeceu e... – Ele deixou a frase diplomaticamente no ar.

– Eu adormeci, sim, mas se pensa que sonhei tudo isso, está muito enganado. Eu vi, estou-lhe a afirmar que vi!

O olhar do fiscal caiu sobre a revista aberta sobre o banco. Numa ilustração da página da esquerda, via-se uma jovem sendo estrangulada, enquanto de uma porta entreaberta um homem apontava um revólver para o estrangulador. Num tom persuasivo, o funcionário sugeriu:

– Talvez a senhora estivesse lendo um romance policial, depois deve ter adormecido e acordou meio confusa... Mrs. McGillicuddy interrompeu-o.

– Eu vi! – Afirmou. – E estava tão acordada quanto o senhor está agora. Olhava pela janela, e numa cabine do comboio que ia ao lado do nosso eu vi um homem estrangulando uma mulher. O que quero saber é o que o senhor vai fazer a esse respeito!

– Bem... senhora...

– O senhor vai tomar alguma providência, não vai?

O fiscal suspirou, relutante, e consultou o relógio.

– Chegaremos a Brackhampton daqui a exatamente sete minutos. Informarei a meus superiores o que a senhora acaba de me contar. Em que direcção ia esse comboio que a senhora mencionou?

– Na mesma direcção que este, naturalmente. Ou acaso o senhor julga

que eu poderia ter visto isso tudo se o outro comboio tivesse cruzando connosco num relâmpago?

O fiscal fez cara de quem achava que Mrs. McGillicuddy era capaz de ver qualquer coisa que sua imaginação concebesse, mas tranquilizou-a cortesmente:

– Pode confiar em mim, senhora. Darei parte da sua denúncia. Por favor, dê-me o seu nome e endereço, talvez sejam necessários.

Mrs. McGillicuddy deu o endereço do lugar onde iria se hospedar nos próximos dias e o seu endereço permanente na Escócia. O homem anotou-os e retirou-se com um ar de quem cumprira seu dever, tendo lidado eficazmente com um cansativo espécime do público viajante.

Com a testa franzida, Mrs. McGillicuddy sentiu-se vagamente insatisfeita. Iria o fiscal realmente relatar o incidente ou apenas quisera acalmá-la? Provavelmente não era raro viajarem naqueles comboios senhoras de idade que acreditavam ter descoberto um complot comunista, estar em perigo de morte, ou ter visto um disco voador ou aeronaves secretas, velhinhas que denunciavam crimes que nunca haviam sido cometidos. Se o fiscal julgasse que ela era uma delas...

O comboio diminuiu a velocidade, trepidando ao passar por um entroncamento. As luzes de uma cidade grande começaram a correr pela janela.

Mrs. McGillicuddy abriu a bolsa, pegou o recibo, o único pedaço de papel que encontrou, escreveu nas costas dele algumas palavras com sua esferográfica e meteu-o num envelope que afortunadamente levava consigo. Em seguida, fechou o envelope e endereçou.

O comboio parou suavemente ao lado de uma plataforma apinhada. A voz ubíqua anunciou:

– A composição que está entrando agora na plataforma 1 é o 17h38, com destino a Milchester, Waverton, Roxeter e estações até Chadmouth. Os passageiros com destino a Market Basing devem apanhar o comboio que está agora na plataforma 3.

Mrs. McGillicuddy correu os olhos ansiosamente pela plataforma. Tantos

passageiros e tão poucos carregadores. Ah! Lá estava um. Ela chamou-o com autoridade.

– Carregador! Por favor, leve isso imediatamente ao escritório do chefe da estação.

Ela entregou-lhe o envelope e um xelim.

Em seguida, com um suspiro, recostou-se na poltrona. Bem, fizera o que estava ao seu alcance. Com uma leve sensação de remorso, seu pensamento voltou ao xelim. Na verdade, seis pences teriam sido suficientes...

Sua mente retornou à cena que acabara de testemunhar. Horrível, simplesmente horrível. Ela era uma mulher de nervos fortes, mas estremeceu. Que coisa estranha... que coisa mais fantástica... e acontecera logo a ela, Elspeth McGillicuddy. Se o estore não tivesse subido... Mas sem dúvida aquilo fora obra da Providência.

A Providência quisera que ela, Elspeth McGillicuddy, fosse testemunha de um crime. Sua boca assumiu uma expressão decidida.

Gritos, apitos, um bater de portas. O 17h38 deixou lentamente a estação de Brackhampton. Uma hora e cinco minutos mais tarde, chegava a Milchester.

Mrs. McGillicuddy pegou nas suas compras e na mala e desceu do comboio. Correu os olhos pela plataforma e reiterou sua conclusão anterior: não haviam carregadores suficientes. Os que existiam estavam sempre ocupados com as malas postais e os carros bagageiros. Hoje em dia esperava-se que os passageiros carregassem as próprias malas. Pois ela não tinha a menor intenção de carregar sua mala, o guarda-chuva e todos aqueles embrulhos; teria de esperar. Mais tarde, realmente, um carregador aproximou-se.

– Quer um táxi?

– Deve haver um à minha espera lá fora.

Na frente da estação de Milchester, um taxista que estivera a observar a saída adiantou-se e perguntou num sotaque local:

– É a senhora Mrs. McGillicuddy, que vai para St. Mary Mead?

Mrs. McGillicuddy anuiu. O carregador recebeu uma recompensa adequada, se não generosa, e o carro levando Mrs. McGillicuddy com a sua mala

e os seus embrulhos iniciou o itinerário de quinze quilómetros. Sentada no banco de trás, muito empertigada, a passageira descobriu que não conseguia relaxar, sentia uma necessidade premente de desabafar seus sentimentos. Por fim o táxi entrou na ruazinha de aldeia que lhe era tão familiar e chegou ao seu destino. Mrs. McGillicuddy desceu e percorreu o caminho de tijolos até a porta da casa. O motorista deixou as malas na soleira quando uma empregada de meia-idade abriu a porta, e Mrs. McGillicuddy atravessou o vestíbulo em direcção ao portal da sala de visitas onde sua anfitriã, uma frágil velhinha, a esperava.

– Elspeth!

– Jane!

Após uma troca de beijos, sem preâmbulos ou circunlóquios, Mrs. McGillicuddy foi directo ao assunto:

– Oh, Jane! – Gemeu ela. – Acabei de presenciar um assassinato!

Capítulo 2

Fiel aos ensinamentos de sua mãe e de sua avó – ou seja, de que uma verdadeira dama nunca se mostra chocada ou surpresa –, Miss Marple ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

– Que situação mais aflitiva, Elspeth! Extraordinária, sem dúvida! Acho melhor você contar tudo agora mesmo.

Isso era justamente o que Mrs. McGillicuddy desejava fazer. Ela deixou que sua anfitriã a conduzisse para mais perto da lareira, sentou-se, tirou as luvas e mergulhou numa vívida narrativa.

Miss Marple ouviu-a com grande atenção. Quando finalmente Mrs. McGillicuddy parou para tomar fôlego, Miss Marple interveio com decisão:

– Minha querida, creio que o melhor que você tem a fazer agora é subir, tirar o chapéu e lavar-se. Depois jantaremos e, durante a refeição, não tocaremos nesse assunto. Após o jantar, sim, voltaremos a falar da questão com cuidado, examinando todos os seus aspectos.

Mrs. McGillicuddy aceitou essas sugestões. As duas senhoras jantaram, enquanto comentavam a vida na aldeia de St. Mary Mead. Miss Marple falou da desconfiança geral em relação ao novo organista, contou o mais recente escândalo da esposa do farmacêutico, e aludiu à hostilidade existente entre a directora da escola e a Associação Feminina. Em seguida, as duas conversaram sobre os respectivos jardins.

– As petúnias são imprevisíveis – disse Miss Marple, levantando-se da mesa. – Ou pegam ou morrem. Mas quando gostam do lugar, tornam-se praticamente eternas, e hoje em dia existem variedades realmente lindíssimas.

As duas sentaram novamente em frente à lareira, e Miss Marple apanhou dois cálices Waterford muito antigos num armário de canto e uma garrafa num outro.

– Nada de café para você esta noite, Elspeth – disse ela. – Você já está super excitada, o que não é de admirar, e provavelmente perderia o sono. Receito-lhe um cálice do meu vinho de primulas, e mais tarde talvez uma chávena de chá de camomila.

Mrs. McGillicuddy aquiesceu, e Miss Marple serviu o vinho.

– Jane – começou a visitante, saboreando um primeiro gole –, você não está pensando que eu sonhei ou imaginei esta história, está?

– Certamente que não – protestou calorosamente Miss Marple.

Mrs. McGillicuddy soltou um suspiro de alívio.

– O fiscal achou que eu tinha sonhado – disse ela. – Ele foi amável, mas mesmo assim...

– Elspeth, nas circunstâncias, acho isso natural. A sua história realmente é inverosímil, e você era uma estranha para ele. Compreenda, não tenho a mínima dúvida de que você tenha mesmo visto o que me disse ter visto. O fato é espantoso, mas não é impossível. Lembro-me uma vez, quando um outro comboio emparelhou com aquele em que eu viajava, de ter reparado que era possível ver-se clara e minuciosamente o interior do vagão ao lado. Certa vez vi uma garotinha que estava brincando com um urso de pelúcia atirá-lo inesperadamente em cima de um homem gordo que dormia a um canto. O

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

